

FALTA DE ATENDIMENTO: UM SOFRIMENTO A MAIS PARA OS DOENTES

Custódio Coimbra

Durante uma hora e meia, na última quinta-feira, o vigia desempregado Nilton Mendonça, de 35 anos, caminhou sob a chuva com o filho Fabrício, de 2, no colo, buscando atendimento médico para o menino. Abrigado apenas por uma manta e um pequeno guarda-chuva, Fabrício tinha crise de bronquite e infecção respiratória. Porém, nos postos de saúde por onde passou — no caminho entre sua casa, próxima ao distrito de Cabuçu, e o Centro de Nova Iguaçu — não havia sequer um aparelho de nebulização, que poderia, pelo menos, fazê-lo respirar com menos dificuldade.

Sem encontrar médicos, remédios ou equipamentos especiais para o tratamento do garoto, Nilton prosseguiu em sua peregrinação até o Pronto-Socorro Doutor Tibau, a mais de 20 quilômetros do ponto de partida. Pai de sete filhos e sem uma moedinha no bolso, ele só conseguiu voltar para casa porque os funcionários do posto se cotizaram e deram a ele o dinheiro da passagem. Com fome, Nilton já não suportava mais andar carregando o menino.

— Não encontrei os remédios receitados pelo médico na farmácia do Inamps. Não tenho condições de comprá-los — lamentou, sensibilizando os funcionários do posto, que fizeram uma nova coleta de dinheiro para comprar os medicamentos.



Nilton carrega Fabrício: peregrinação

O caos na saúde pública da Baixada Fluminense deixou sem respiração a aposentada Maria das Dores de Souza, de 66 anos. Na quinta-feira passada, ela precisou deixar duas vezes sua casa, em Morro Agudo — afastado cerca de dez quilômetros do Centro de Nova Iguaçu — para encontrar um aparelho de nebulização, que aliviasse sua crise de bronquite. A busca terminou no pronto-socorro Dr. Tibau.

— Perto da minha casa não tem nada. Quando eu fico assim, sem respirar direito, saio por aí até encontrar o aparelho. Nem sempre consigo — disse.

Até conseguir uma vaga para internação, o aposentado Dorvalino Rodrigues, de 62 anos, portador de insuficiência renal crônica, passou, dezenas de vezes, na porta do lugar onde seus problemas poderiam ser resolvidos. Poderiam, porque o chamado Hospital Geral de Queimados não passa de um esqueleto de hospital: a obra, abandonada há quase dois anos, é um símbolo do descaso com a saúde pública na Baixada Fluminense. As verbas escoaram pelo ralo da má administração.

— Vou para um hospital em Vassouras fazer tratamento. Lá, vou ficar sozinho, porque minha família não tem dinheiro para me acompanhar — comentou Dorvalino, desolado diante do esqueleto do Hospital Geral de Queimados.

Agricultora Maria Ivonete Silva Castro, de 30 anos, saiu do lugar “que Deus esqueceu” para procurar alguém que pudesse ajudá-la a resolver um problema dos mais simples: uma crise de bronquite. Porém, até ser atendida no pronto-socorro de Nova Iguaçu, ela passou por meia dúzia de postos de saúde. Só depois de 45 minutos de caminhada e uma hora espremida num ônibus, ela encontrou o aparelho de nebulização e médicos. Mesmo assim, precisou dividir uma maca com Maria Helena Rúbio de Souza, de 47 anos, também atacada de bronquite.